

O GÊNERO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Evaldo Heckler, M. S.
da Faculdade de Filosofia e Letras,
São Leopoldo — R. S.

A lingüística descritiva procura apresentar um sistema harmonioso e completo da gramática sob o ponto de vista sincrônico. O problema maior talvez não seja a descrição dos fenômenos formais, mas o enquadrá-los dentro de uma metodologia prática e eficiente, capaz de ir ao encontro dos desejos dos professores da língua.

A gramática normativa, atualmente em uso nas escolas, é muito deficiente, e, ademais, não corresponde, em muitos pontos, à realidade lingüística, se por ela entendermos o falar da época atual.

Quando me proponho uma apresentação didática sincrônica do gênero em Português, o problema se me afigura ainda complexo. A evolução da língua não seguiu um sistema rígido. O gênero, tanto formal como semânticamente é confuso. O falante português não expressa nenhum nome sem assinalar-lhe um gênero. Esta é uma faceta da nossa cultura. Daí a grande importância do gênero na língua Portuguesa. Ele se faz presente em qualquer enunciado.

Vou, neste pequeno trabalho, fazer uma tentativa de apresentar didaticamente o problema do gênero. Tenho em mira os seguintes pontos fundamentais:

- A) descrever, quanto possível, todos os casos na formação do gênero;
- B) dispô-los de tal forma que possam ser de utilidade didática.

Não pretendo, de modo algum, dar a palavra definitiva. Creio que se muitos linguistas se preocuparem com o problema, como o tem feito o incansável Prof. Joaquim Mattoso Câmara Jr., não tardará uma solução ideal.

Quero, antes de mais nada, tecer algumas considerações sobre a semântica do gênero no Português.

Longe a maior parte dos nomes têm um único gênero, ou masculino ou feminino. Todos estão obrigatoriamente em um dos gêneros.

Só os nomes do reino animal possuem dois gêneros tanto o masculino como o feminino.

Como isto se torna claro que não podemos afirmar que o gênero no Português significa, pura e simplesmente, sexo.

O sistema da língua funciona por oposições. Só temos oposição formal e semântica nos nomes do reino animal, onde esta posição significa sexo. Mas na maioria dos nomes não se dá esta oposição. Nestes casos temos apenas uma categoria formal que não está interessada em sexo ou não-sexo. Infelizmente não encontramos ainda outro nome para designar estas categorias, e falando em masculino e feminino, conotamos a noção do sexo.

Se tomo o exemplo — a casa —, o nome está no "feminino", mas é evidente que não indica nenhuma noção de sexo. Não existe nenhuma oposição com o masculino, nem formal, nem semânticamente.

De modo que, a julgar pelas oposições, só temos indicação de sexo, nos nomes do reino animal. Nestes realmente existe a oposição formal e semântica.

Eis aqui um possível esquema didático que apresenta a formação do gênero no Português. (Quadro n.º 1).

É preciso lembrar inicialmente que todos os nomes, no Português levam um gênero. Aquêles nomes que geralmente não são precedidos pelo artigo masculino ou feminino, o possuem virtualmente. Nomes próprios e nomes de cidades e países levam o artigo sempre que modificados por um adjetivo.

NOME		GÊNERO ÚNICO		GÊNERO DUPLIO		TÍTULO	
SUBSTANTIVO	1. ARTIGO: O - A	1. TEMÁTICOS Bases MORFOSEMÂNTICA	1. Vt cai + -a : lob ^o + ai mestri ^z + a. 2. Vt cai + SD + -a : galo + inh + a. duqu ^e + es + a. cond ^e + es + a. projet ^e + ir + a.	1. V. tónica: + -a : jude ^s + e - i + a. europe ^s + e - dy + a. 4. Vt cai - subtração simples: r ^o g - r ^e . 5. Vt cai + SD - a partir do feminino: lebr ^e + ão ; laur ^e + ão.	segred ^e + a a - f		
	2. AFÓSTO: macho / fêmea	2. ATEMÁTICOS CA	1. V. tónica: + -a : peru + a. 2. Consoante: + -a : campon ^e s + a ; juiz + a ; leitor + a ; espanhol + a. 3. Quebra do SD mascul. + SD fem. + -a : sultri ^z + au + a. Nasal [patr ^o + o + a. bar ^o + on + es + a. Dico ^o go solteiri ^z + on + a. (aumentativo) NB, imperador + triz] NB, perdigão + is.] sem -a				
ADJETIVO	1. TEMÁTICOS concordân - cia	1. TEMÁTICOS	5. Subtração simples: irmã ^o ; órfã ^o ; (mascul) Vt cai + -a : (a ^o ca - 0 -) : formos ^o + a Vt cai (subtração) : ma ^o - [ma ^o + a = ma : contração]				
	2. ATEMÁTICOS -r -l -s -g -m -n regular - anavel - montês... (concord.)	2. ATEMÁTICOS	4. SD + -a : czar + in + a. Consoante consul + es + a. 5. Subtração simples: irmã ^o ; órfã ^o ; (mascul) Vt cai + -a : (a ^o ca - 0 -) : formos ^o + a Vt cai (subtração) : ma ^o - [ma ^o + a = ma : contração]				
ADJETIVO			V. tónica: + -a : cru + a ; Consoante: + -a : português + a ; Nasal : perca da nasalidade + -a : bod + a. EXPLICAÇÃO: Vt = vogal tónica SD = sufixo derivacional V = vogal				

Pelo quadro vemos claramente que o feminino no Português é indicado por flexão externa e interna com redundância. Como, no segundo grupo, a flexão se efetua pelas desinências, convém lembrar que os nomes no português podem terminar nas seguintes formas:

		nasais (tal como se tivessem til)			
1) Em vogal	— i	— i	2) Consoantes	— s	
	— e	— e		— r	
	E				
	— a	— a			
	— ?				
	— o	— o		— l	
	— u	— u		— N (arquif. nasal)	
	— y'	— y			
	— ' semivogais				
	— w'	— w			

É nestas desinências que se processa a morfologia do feminino.

Ainda devemos considerar o fato de que na língua os fenômenos formais funcionam por um sistema de oposições. De modo que a desinência, o morfema /a/, que é a marca geral do feminino no Português, só indica (o fem.) esta categoria quando está em oposição ao masculino. Se o nome só tem um gênero, e este termina em —a, esta desinência não leva em si a noção do feminino. Em outras palavras, não é o morfema do feminino, mas simplesmente a vogal temática, como por exemplo: o tema, a câmara.

Isto é evidente, pois em — o tema — a desinência nem pode conter a noção do feminino, uma vez que o nome está no masculino.

A marca geral do feminino é /a/ em oposição ao masculino não marcado /—(0)/.

Mas nem todos os femininos terminam em /—a/.

Eis aqui as possíveis marcas do feminino, ou melhor, as possíveis transformações a que a forma do feminino é submetida.

Descrição do feminino			S. D.	
	—a	loba	—	
—oa	leoa	—o	a	
—esa	duquesa	—es	a	
—essa	condessa	—ess	a	
—isa	profetisa	—is	a	
—ia	judia	—i	a	
—ana	sultana	—an	a	
—ina	czarina	—in	a	
—éia	hebréia	—éi	a	
—ã	órfã	—	ã	

	—é	ré	—	é
	—ó	avó	—	ó
	—triz	imperatriz	—	triz
	—iz	perdiz	—	iz

Tôdas estas desinências são possíveis na formação do feminino, mas apenas na flexão interna. Pela grande variedade de flexões já se pode ver a dificuldade de fazer uma apresentação descritiva e didática ao mesmo tempo.

É preciso notar que na lista acima os sufixos derivacionais à esquerda, não indicam feminino; são formas privativas dos nomes quando estes estão no feminino. A noção do feminino está contida à direita. Quase sempre é o morfema /—a/. Em poucos casos não é /—a/.

Se computarmos o índice de freqüência vemos a razão porque se diz que, no Português, a marca do feminino é o morfema /—a/, pois longe a maior parte dos nomes tem apenas este morfema como indicação do feminino. Os demais nomes, que além do morfema /—a/, têm ainda um sufixo derivacional, ou o que formam o feminino em — é, ó, — triz, — iz — são realmente bem poucos.

O primeiro grande grupo, os de flexão apenas externa, formam mais ou menos 90% dos nomes da língua. E estes não oferecem problema porque a sua marca do feminino é o artigo. Pertencem a este grupo todos os nomes que não são do reino animal e mais alguns do reino animal, que além do artigo também tem um apôsto: macho ou fêmea.

NB: — Incluímos também estes nomes (os que usam apôsto) para simplificação didática, embora não seja propriamente uma flexão externa.

1. Todos os nomes abstratos: a coragem, o amor, a necessidade, o enfraquecimento, etc. . .
2. Incluo também neste grupo todos nomes do reino animal que, para designar os diferentes sexos, usam nome diverso: o pai — a mãe; o homem — a mulher; o rei — a rainha; o bode — a cabre.
3. Todos os demais nomes em que só o artigo indica a diferença do gênero:
a tribo, o tema, a pá, o paúl, etc.
a criança, o cõnjuge. . .
o hereje — a hereje; o caixa — a caixa.
4. Também os que mudam de sentido com o gênero:
o poço — a poça; o lente — a lente; o lenho — a lenha. . .
5. o jacaré-macho, fêmea. . .

Para este primeiro grupo, que é o maior, não há problemas didáticos especiais, porque não sofrem nenhuma mudança morfofonêmica.

O segundo grupo, de flexão interna, de freqüência muito menor, porque restringido ao reino animal, apresenta problemas especiais. É muito difícil encontrar um esquema límpido, que não deixe margem a exceções ou formas não canônicas.

Este grupo está dividido em nomes temáticos a aтемáticos.

1. **Nomes temáticos** — São aqueles que terminam em vogal átona. Todos estes nomes obedecem a uma lei morfofonêmica que é a seguinte:

A vogal átona final (a vogal temática) desaparece sempre que qualquer outro elemento fôr acrescentado.

O acréscimo do morfema /—a/ do feminino nestes nomes pode dar-se por um modo duplo: direto ou indireto.

- a) Direto: se apenas cai a VT, e imediatamente é acrescentado o morfema do feminino.
- b) Indireto: se, além do acréscimo do morfema do feminino, e anterior a êle, temos ainda o acréscimo de um sufixo derivacional.

Em outras palavras; depois de aplicada a lei morfofonêmica, formamos o feminino por simples flexão gramatical, ou por flexão lexical (derivacional) mais flexão gramatical, que consiste no morfema /—a/ do feminino.

Isto nos apresenta 5 casos distintos:

a) Queda da VT + /—a/ — lob(o) + a; maestr(e) + a.

b) Queda da VT + SD + /—a/

1. gal(o) + inh + /—a/
2. duqu(e) + es + /—a/
3. cond(e) + ess + /—a/
4. profet(a) + iz + /—a/

c) Queda da VT + Transformação do sufixo derivacional + /—a/

1. jude(u) + e variante i + /—a/
2. europe(u) + e variante éy + /—a/
3. ilhé(u) + e variante o + /—a/

d) Queda da VT simplesmente (subtração pura)

ré(u) — ré
ma(u) — má (ma(u) + a = má por contração)

e) Queda da VT + SD — (caso em que o ponto de partida é o feminino)

lebr(e) + ão
ladr(a) + ão

2. **Nomes atemáticos** — São os que terminam em vogal tônica ou em consoante.

Logo em: i — e — é — a — ó — o — u. (tônicos)
em: r — l — s — N (arquifonema nasal)

Incluo neste grupo todos os nasais, também os ditongos nasais, uma vez que os considero como orais mais o fechamento consonantal nasal.

Também aqui temos o modo:

- a) Direto — com o simples acréscimo do morfema /—a/;
- b) Indireto — com o acréscimo do sufixo derivacional antes do morfema do feminino.

Isto nos apresenta 4 casos distintos:

a) Simples acréscimo do morfema /—a/

1. peru+a (tôdas as vogais tônicas)

Com uma formação não canônica: avô — avó, onde apenas a abertura do timbre indica a passagem para o feminino.

camponês + a
leitor + a
espanhol + a
juiz + a

2. Subtração do ditongo:

irmã(o) — irmã
órfã(o) — órfã

3. Queda do sufixo da forma masculina, para tomar outro sufixo, + /a—/, com algumas formas sem o morfema /—a/:

sult(ã)(o) — sult+an+a
patr(ã)(o) — patr+o+a
solteir(ã)(o) — solteir+on+a (nos aumentativos)
bar(ã)(o) — bar—on+es+a
comendad(o)(r) — comendad+eir+a
impera(d)(o)(r) — impera+triz
perdig() (ã)(o) — perd+iz

Incluindo os poucos nomes, cuja formação do feminino é em — triz, — iz, mais — ré — e avó —, temos o número bem reduzido dos nomes que não formam o feminino em /—a/.

4. Acréscimo do SD + /—a/.

czar+in+a
consul+es+a

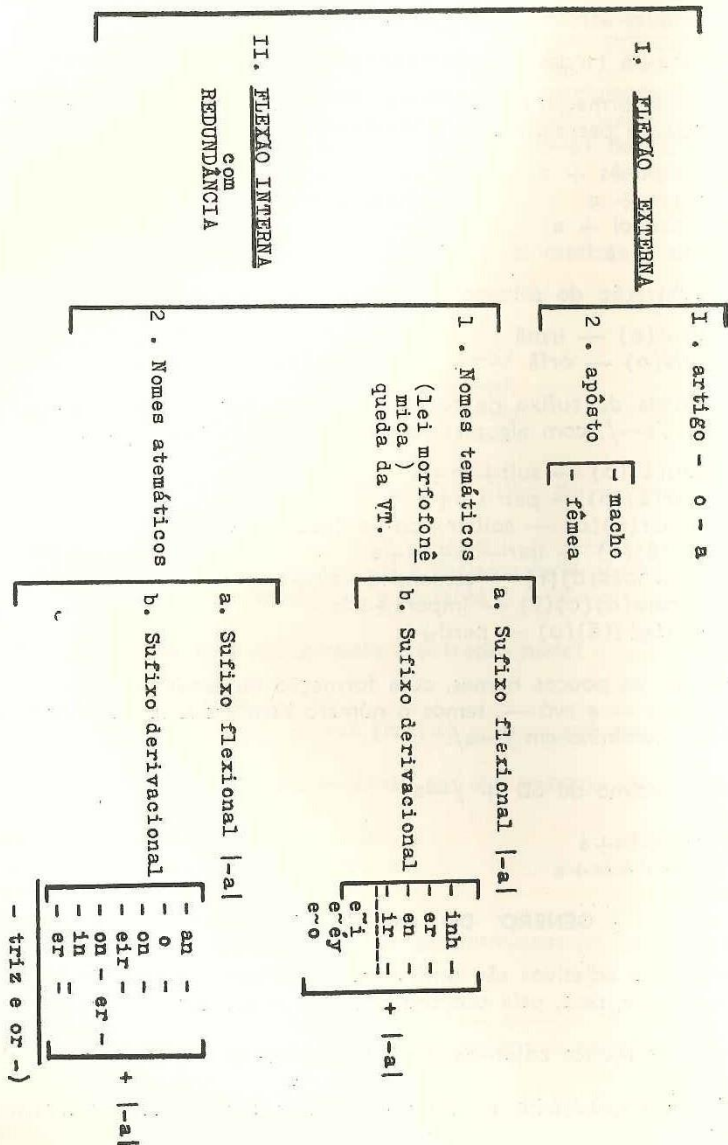
GÊNERO DO NOME ADJETIVO

Multíssimos adjetivos são uniformes. Não têm a marca do feminino. Não há necessidade, pois, pela concordância com o substantivo, aparece o seu gênero.

Entretanto muitos adjetivos também possuem uma indicação formal do feminino.

Podemos enquadrá-los no mesmo esquema dos nomes substantivos e dividi-los em:

GÊNERO
INDICADO
POR



a) **temáticos** — que obedecem à lei morfofonêmica dos substantivos, só quando a VT é /—o/.
 formos(o) + a
 Os temáticos em /—e/ são uniformes:
 grande — triste...

b) **atemáticos** — que apenas acrescentam o morfema /—a/, caso não forem uniformes.

1. Em vogal tônica — cru + a

2. Em consoante — português + a

NB: Os adjetivos puros, os que são propriamente tais, são uniformes quando terminam em consoante:

montês — pedrês — cortês

amável

regular

3. Nasal — Bo(m) + a: com a perda da nasalidade.

Resumindo podemos dizer que o gênero é indicado pelos seguintes processos:

1. Artigo: o — a

2. Apóstro: macho — fêmea

3. Morfema /—a/, com ou sem sufixo lexical.

4. Aberto do timbre das vogais médias: e — o variante é — ó.

5. Casos excepcionais em que o feminino é expresso através de outro elemento: ré — triz — iz.

CONCLUSÃO (Veja o esquema didático completo).

Como já disse no início deste trabalho, não o considero como definitivo. É um passo inicial para ser lido, discutido e melhorado. Se todos os pontos de nossa gramática forem elaborados linguisticamente, com finalidade didática em vista, teremos em breve um farto material para uma boa gramática, realmente descritiva, que possa servir aos nossos alunos, ávidos de conhecer a realidade da nossa língua.

São Leopoldo, aos 8 de abril de 1968.

BIBLIOGRAFIA

- Bloomfield, L. — *Lenguaje*, Univ. Nacional Mayor de San Marcos, Lima, Peru, cap. XXV.
- Lemle, M — Recensão feita em "Estudos Lingüísticos", Vol. I, n.º 2, S. P., Dez. 1966, p. 76, sobre *Language Change and Linguistic Reconstruction*, H. M. Hoenigswald.

NOTA: Em virtude de dificuldades tipográficas, foram utilizados tipos existentes para convencionar alguns fonemas. Para facilitar a interpretação, damos, a seguir, o quadro dos fonemas do Português e abaixo, a correspondência empregada, quando houve substituições.